



Violação a moradores de rua no contexto paranaense



Movimento
POPULAÇÃO
de
RUA



Violação a moradores de rua no contexto paranaense

A atenção do Poder Público com os moradores de rua é recente. O desinteresse do Estado pelos moradores de rua sejam eles as pessoas que ficam, estão ou são da rua, reflete a contradição com que a sociedade e a opinião pública tratam o tema, ora com voluntarismo, preocupação humanitária e até assistencialismo, ora com repressão, preconceito e indiferença. O sentimento contraditório do cidadão comum tem alimentado iniciativas dirigidas à população em situação de rua, na área da Segurança Pública.

Nos últimos anos começam ações públicas ao mesmo tempo em que organizações da sociedade civil e de defesa de direitos humanos se dedicam à superação das condições indignas de vida de quem mora e vive nas ruas. O enfrentando à vulnerabilidade do segmento por vezes tem se pautado em propostas solidárias de atendimento, de cunho assistencialista, distante da noção de política pública, que se traduz em direito do cidadão e dever do Estado.

Marcam as iniciativas rumo à construção da Política Pública para a pessoa moradora de rua, o 1º Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua, realizado em setembro de 2005; o Grupo de Trabalho Interministerial (GTI), constituído em outubro de 2006 e composto por vários ministérios do governo federal, entidades da sociedade civil e movimento social dos moradores de rua; a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, realizada em 71 cidades brasileiras de agosto 2007 a março 2008.

Os dados da Pesquisa Nacional, somados a de outros levantamentos em capitais da federação, estimam que aproximadamente 45 mil pessoas, vivem nas ruas das capitais e municípios com mais de 300 mil habitantes no País. Os municípios paranaenses de Curitiba, Maringá e Londrina souberam dos resultados do levantamento nacional em abril 2008, com a divulgação dos dados do perfil dos moradores de rua em suas cidades.

Em paralelo à caminhada para garantir direitos sociais, os moradores de rua têm sido alvo de repressão e segregação no convívio social. Também tendo lugar o

sentimento de desvalia e indiferença aos que vivem pelas ruas. Esta visão muitas vezes é o pano de fundo para ações violentas, de origens dispersas no contexto da sociedade em geral. É assim que fatos viram notícias: chutes a pessoas enquanto dormem; expulsão compulsória de quem vive pelas ruas para além das fronteiras territoriais; abrigo público refutado porque inseguro e insalubre; morte por hipotermia; maltrato por agentes públicos. Sem perder de vista a violência verbal e simbólica, produzida e reproduzida nas pesquisas de opinião e nos recortes de mídia sem independência.

Para esta população invisível na sua vulnerabilidade, medidas paliativas emergem na filantropia ou em ações focalizadas do Estado, não menos ofensivas aos direitos humanos, tais como o havido em 2006 na ação de “limpeza das ruas” realizada pela Guarda Municipal em Curitiba.¹ Ainda a “limpeza das ruas” levou a Prefeitura de Apucarana a expulsar moradores de rua em 24 de Março de 2007 porque segundo a secretária da Assistência Social local, “não eram os moradores conhecidos da cidade”.²

A situação de permanência desta população na rua gera desconfortos na comunidade, quando esta identifica serviços como os albergues, destinados a abrigo público. O que a sociedade desconhece é o limite operacional destes equipamentos, com seus regramentos institucionais como os destacados pelo Diretor de proteção social especial na audiência pública com os moradores de rua em 10/07/09: “albergue é um lugar de passagem”. Nesta audiência, usuários do serviço denunciaram a precariedade do espaço pela falta de limpeza adequada para a prevenção às doenças transmissíveis; insegurança nos dormitórios; alimentação aquém da segurança nutricional e pela maneira como são recebidos pelos funcionários despreparados que os maltratam. O testemunho feito pelos usuários da Política de Assistência Social deve alcançar demais competências do Estado, com

¹ Curitiba/PR– 26/09/2006 – Guarda Municipal persegue moradores de rua.

² Apucarana/PR 24/03/2007 – Apucarana manda seis mendigos para outras cidades.

co-responsabilidade e trato intersetorial das políticas de Saúde, Educação, Habitação, Trabalho e Geração de renda.³

Exposta a violações da conduta anti-social a população de rua é alvo da intolerância de gangues que se divertem enquanto matam. Queimado enquanto dormia morador de rua, Severino Dantas, virou alvo de briga na madrugada da cidade de Ponta Grossa.⁴

O teor da violência não se mantém apenas entre os moradores, mas se estende às mãos daqueles que teoricamente os protegeria. Em 2006, forte denúncia pairou sobre o Poder Público. Relatório de um padre e demais denúncias à Comissão de Direitos Humanos da OAB, relatam torturas praticadas contra moradores de rua antes de suas “expulsões” da cidade de Paranaguá.⁵

Enquanto a violência ao morador de rua tem nome e sobrenome em alguns casos, noutros o sigilo incômodo denuncia a negligência generalizada e compromete a veracidade no número de mortes e ataques a moradores de rua. Em dezembro de 2007 em Curitiba, enquanto dormia um morador de rua foi queimado com ácido. Os autores do crime não foram identificados.⁶ Do mesmo modo não foram identificados os autores da morte de Paulo. Ele morava nas ruas do bairro Que Sonho, na cidade de São José dos Pinhais e foi morto a tiros por homem encapuzados em maio de 2008.⁷

Moradores de rua também padecem pelo preconceito de serem os mesmos a serem alvo de suspeita ou de culpa por atos criminosos. O andarilho Adilson Guedes dos

³ Curitiba/PR – 10/07/2009 - FAS é alvo de críticas em encontro com moradores de rua.

⁴ Ponta Grossa/PR – 08/10/2004 – Morador de rua, queimado em Ponta Grossa, morre em hospital.

⁵ Paranaguá/PR – 11/10/2006 – Prefeito de Paranaguá também pode ser indiciado por tortura. Agência Folha

- 17/10/2006 - Padre apresenta documentos que comprovam maus tratos a moradores de rua em Paranaguá
- 11/10/2006 Tortura de mendigos em Paranaguá vai ser comunicada à ONU

⁶ Curitiba/PR – 14/12/2007 - Morador de rua é queimado com ácido enquanto dormia – Homem de 32 anos teve mãos, braços, peito e rosto queimados em Curitiba. Segundo o médico ele terá seqüelas e poderá ficar desfigurado.

⁷ São José dos Pinhais/PR – 16/05/2008 – Morador de rua é morto em São José dos Pinhais.

Santos, na madrugada de fevereiro de 2009 sofreu com bandidos que temiam que ele os denunciasse a polícia.⁸

O meio violento não poupa que as divergências tenham lugar também dentre os moradores. Eles são vítimas de si mesmos quando estão sob efeito de drogas ou alcoolizados. Teria sido este o contexto em que Wilson Teixeira ateou fogo em sua esposa.⁹ Policiais alegam mesma motivação para a morte de morador de rua em junho deste ano, no Viaduto do Capanema, em Curitiba, fruto de desentendimento entre os moradores do abrigo.¹⁰

O inverno rigoroso do Paraná também acaba por caracterizar a violência a esta população ao ferir os Direitos Humanos destes sujeitos que estão expostos às baixas temperaturas, e acaba por ameaçar a saúde de quem tem a rua como casa. Não ter agasalho e demais meios para se proteger do frio, aliado à progressiva perda de imunidade, principalmente dos que são dependentes de álcool e drogas, aumenta o risco de morte por hipotermia. Nos últimos três anos moradores de rua padecem com o frio em Curitiba, vítimas de hipotermia¹¹. Em 2009 outras mortes pelo frio intenso foram divulgadas¹².

Recomendações

- A política pública para o morador de rua carece ser construída e implementada de modo intersetorial. Trabalhar o ser humano integral em seus vários aspectos de vulnerabilidade continua desafiando a gestão pública. Permanece frágil tanto no planejamento como na execução de políticas públicas, a intersetorialidade. Trata-se, portanto, de recomendá-la como eixo metodológico na execução e na previsão de orçamento da política.

⁸ PR – 07/02/2009 – Agredido na Madrugada.

⁹ Curitiba/PR - 21/02/2009 - Morador de rua ateia fogo em sua esposa.

¹⁰ Curitiba/Pr – 30/06/2009 – Morador de rua é assassinado do Viaduto do Capanema.

¹¹ Curitiba/PR – 29/07/2007 – Curitiba registra a primeira morte por frio do ano – Morador de rua foi encontrado no Bom Retiro.

¹² Curitiba/PR – 04/06/2009 Morador de rua morre por hipotermia em Curitiba; foi a 2º vítima do frio no Estado Apucarana/PR – 03/06/2009 – Frio causa morte em Apucarana (PR); temperatura chega a -4,4° em SC.

- O co-financiamento das ações de responsabilidade pública requer previsão em várias pastas governamentais. A política de assistência social deve ser transversal às etapas de emancipação das pessoas em situação de rua. Contudo, a cobertura social plena deve ser compartilhada com demais políticas públicas. Recomenda-se que a política pública ao morador de rua requer **intersectorialidade** desde o embrião à implementação, com envolvimento e responsabilidade pelas atribuições específicas de áreas afins, imprescindíveis, a saber: Assistência Social, Saúde, Trabalho e Renda, Educação, Habitação, Segurança Alimentar, Segurança Pública.
- Construir indicadores de violação de direitos praticados contra moradores de rua. Dados reveladores da incidência de violência aos que vivem nas ruas, deve alimentar banco de dados de observatório nacional de direitos humanos. Estes indicadores podem servir ao planejamento de ações de enfrentamento a violações contra moradores de rua, assim como permitirão ampla visibilidade das ocorrências a partir do monitoramento da trajetória do risco e vulnerabilidade.
- Garantir espaço para veiculação na mídia de denúncias de situações de violência cometidas contra moradores de rua; assegurar nos meios de comunicação de massa conteúdos que divulgam boas práticas da rede solidária e das ações públicas, dirigidas à população em situação de rua. É função da comunicação social, entendida como direito público, dar visibilidade ao movimento da sociedade que enfrenta a violação de direitos, desprovido de sensacionalismo.
- Recomenda-se maior empenho de órgãos de defesa e proteção de Direitos Humanos, de abrangência territorial internacional, para as vulnerabilidades e riscos a que estão submetidos grupos e segmentos dentre os povos tradicionais, quilombolas, moradores de rua, migrantes, indígenas, comunidades atingidas por catástrofes naturais ou intempéries do clima, sem-teto.

- A invisibilidade das condições indignas de vida na rua atinge também as organizações ditas de defesa e promoção dos direitos humanos. Prova disso é a nula representação dos moradores de rua nos espaços públicos de construção e controle social da política de direitos humanos, assim como das demais políticas sociais no contexto paranaense. Organizações da sociedade civil, por vezes também se mostram indiferentes diante das violações de direitos humanos vividas pelo povo na rua e, noutras, as organizações não-governamentais se estruturam na mesma burocracia estatal, criando entraves à participação do morador de rua nas conferências e fóruns.
- Recomenda-se investimento na qualificação de recursos humanos que atuam como agentes públicos com a população de rua. O que mais se observa no trato a esta população é a violência institucional, fruto do desconhecimento, discriminação e falta de preparo continuado dotado de monitoramento e supervisão técnica. Com estes quesitos contemplados, os serviços dirigidos aos moradores de rua tende a ser mais humanizado.
- Ainda na direção do preparo técnico e ético dos agentes públicos que trabalham com este segmento vulnerável, recomenda-se pautar na agenda de concursos públicos, conteúdos na área de direitos humanos, com especificidades voltadas à população de rua. Agentes públicos, principalmente aqueles com atuação na defesa de patrimônio e defesa social (leia-se guardas municipais), devem ser submetidos à supervisão periódica e alvo de controle externo nas suas rotinas de trabalho e missão institucional.
- Os equipamentos e serviços dirigidos a população na rua que contam com a transversalidade da assistência social desde a abordagem até encaminhamentos a outras políticas emancipatórias, devem ser asseguradores de condições de saúde, respeito e dignidade. Não se trata de ampliar metas e investimentos públicos onde os serviços e a rotina institucional recaem na reprodução de práticas violadoras de direitos, tais como: descuidos na higiene nos albergues; doação de roupa estragada e ou suja; falta de limpeza nos dormitórios e sanitários de uso coletivo; oferta de passagens aos moradores de rua como meio de transferência e 'exportação'

de demanda oriunda das mazelas sociais, para outros destinos, territórios, sem assumir responsabilidades no trato da questão de alta complexidade.

- Em especial à política de saúde mental, recomenda-se que suas metas e ações se estendam à população em situação de rua. A intervenção da saúde mental deve se a ter aos riscos e trajetória de vida deste público alvo levando em conta que, a situação de rua tem estreita relação com a dependência de substâncias psicoativas e ou comprometimento na saúde mental de pessoas que perderam vínculos e condições de autonomia. A oferta de vagas para acesso e permanência na política de saúde mental deve ser compatível à demanda, ora reprimida. O trato da pessoa em situação de rua que anseie por saúde mental, precisa contar com serviços extra-terapêuticos que substituam a família, pois a perda de vínculos e o distanciamento das relações familiares é traço comum na trajetória de perdas e descaminhos dessa população.
- Recomenda-se a promoção de campanhas humanitárias que sejam veiculadas nos espaços públicos com grande circulação de pessoas nas cidades e nos meios de comunicação de massa, para esclarecimento amplo das condições vulneráveis da vida das pessoas que estão em situação de rua. É necessário impactar o senso comum e desconstruir o caldo cultural da sociedade brasileira, quando ela reincide na prática de demonizar a vida desprovida de meios socioeconômicos, sem atenção às origens da vulnerabilidade social e, tratando a exclusão social como demanda de repressão pelo aparato policial. Recomenda-se enfrentamento à discriminação ao morador de rua, presente no cotidiano das relações societárias.

Movimento Nacional de Moradores de Rua no Paraná

Curitiba, 01 de agosto de 2009

Movimento

ANEXOS

AUA

Link: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2006/09/361234.shtml>



[Curitiba] Guarda Municipal persegue moradores de rua

Por (((i))) jf 26/09/2006 às 13:00

Com luzes e pressão a guarda desalojou moradores de rua que dormiam sob as marquises dos prédios, especialmente os situados na avenida sete de setembro, nos bairros centro e água verde em Curitiba, bairros nobres e comerciais. A ação pode ter se estendido a outros locais. Na madrugada de sábado (23) para domingo (dia 24) de Setembro de 2006, dois veículos da Guarda municipal de Curitiba acompanhados por um veículo da Ação Social da prefeitura fizeram uma operação de desalojamento dos moradores de ruas que dormem sob os mezaninos das galerias cobertas nas ruas com canaletas de ônibus da cidade.

Na esquina da Rua Bento Viana com a Rua Sete de setembro um veículo da guarda com placa AMH 3315, dava cobertura enquanto outro veículo subia nas calçadas e avançava sobre os moradores que dormiam, uma Kombi da ação social também estava sobre a calçada e lançava suas luzes sobre o grupo que dormia. Os moradores se retiravam dos locais e saíam vagando pelas ruas.

Com luzes e pressão a guarda desalojou moradores de rua que dormiam sob as marquises dos prédios, especialmente os situados na avenida sete de setembro, nos bairros centro e água verde em Curitiba, bairros nobres e comerciais. A ação pode ter se estendido a outros locais.

Não se sabe se houve de prisão ou condução forçada dos moradores de ruas para abrigos ou se houve algum atrito. Haviam dois veículos policiais e apenas uma kombi da ação social e a kombi estava vazia, é provável que tenha havido pouco interesse ou intenção de conduzir os moradores para abrigos. Há registros de violências nos abrigos de Curitiba, inclusive com ação judicial movida pela procuradoria. A ação parecia querer apenas o deslocamento dos moradores para locais menos visíveis.

Muitos moradores de rua foram vistos transitando pelo centro a procura de novos locais para abrigo. A presença da Guarda Municipal em uma operação extensiva fora das áreas públicas preocupa ativistas dos direitos humanos. É da alçada da Polícia Militar do Paraná qualquer atividade policial nas ruas, a guarda municipal é uma guarda patrimonial preparada apenas para isso e que só pode proteger o patrimônio público, cabe, a prefeitura, prestar assistência social ao moradores e não a repressão em áreas particulares.

24/03/2007 - 10h45

Apucarana manda seis mendigos para outras cidades

CÍNTIA ACAYABA
da Agência Folha

A Prefeitura de Apucarana (355 km de Curitiba) retirou anteontem das ruas da cidade 15 moradores de rua. Seis deles foram encaminhados para outros municípios.

A OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) do Paraná avaliou a ação de "expulsar" os moradores como "absolutamente reprovável" e o Ministério Público Estadual informou que vai abrir um procedimento para investigar o caso.

A medida, considerada como "mais enérgica" pela Assistência Social do município, ocorreu porque a prefeitura "recebeu reclamações da população sobre o comportamento dos mendigos".

"Os nossos moradores de rua nós conhecemos. Mas alguns de fora estavam tomando banho em praça pública, fazendo gestos obscenos para a população e destruindo espaços públicos", afirmou Telma Mourão, secretária de Assistência Social de Apucarana.

A operação realizada com o apoio da Polícia Militar ocorreu na manhã de anteontem. Depois de fornecerem dados pessoais no cartório de identificação da Polícia Civil, seis mendigos receberam dinheiro para passagens da prefeitura e foram encaminhados para Maringá (5) e Mauá da Serra (1).

"A assistente social foi até a rodoviária para garantir que o dinheiro da passagem não seria usado para comprar bebida, coisa que acontece com frequência", disse o prefeito e ex-padre Valter Pegorer (PMDB).

Os outros nove foram convidados a ir para um abrigo da prefeitura, mas optaram por voltar às ruas.

Um dos mendigos foi autuado por aliciamento de menor, porque ofereceu bebida alcoólica a uma criança. No entanto, ele já foi liberado.

Despacho

O presidente da OAB-PR, Alberto de Paula Machado, disse que a medida adotada pela Prefeitura de Apucarana não pode ser "considerada como solução para um problema".

"O poder público não pode se omitir diante da situação de algumas pessoas morando nas ruas, mas com certeza não pode despachar para outra cidade. Isso é imaginar que você pode viver bem tratando isso só na sua cidade, mas trata-se de um problema conjuntural seríssimo", afirmou.

Para Machado, o fato de a prefeitura ter encaminhado os seis moradores de rua para duas cidades fere o direito de ir e vir, previsto na Constituição Federal. "A pessoa pode permanecer em local público e nenhuma autoridade pode restringir", disse.

A Prefeitura de Maringá, para onde cinco mendigos foram encaminhados, disse que irá oferecer a eles programas de inclusão social.

O promotor de Justiça de Apucarana Eduardo Cabrini vai investigar o caso. Segundo ele, dependendo de como a abordagem foi conduzida pode se configurar abuso. O prefeito considerou a ação como "um trabalho preventivo para a segurança da população" e disse que só vai repetir a operação se houver necessidade.



Link: http://www.cbncuritiba.com.br/index.php?pag=noticia&id_noticia=24152&id_menu=103&conjunto=&id_usuario=¬icias=&id_loja=&PHPSESSID=c556430ffec7ae6993ddcaf6c5b88ba9



Quinta-feira, 16.07.2009

10/07/2009 FAS é alvo de críticas em encontro com moradores de rua

Denise Morini - 10/07/2009

Os moradores de rua querem mais atenção da Fundação de Ação Social. Eles estiveram reunidos hoje num Fórum para discutir a criação de políticas públicas para estes habitantes da cidade. Leonildo José Monteiro Filho deixou as ruas há um mês. Ele reclama da falta de oportunidade de quem foi expulso de casa pela família e que não tem caminhos para se re-estruturar.

Leonildo reclama da falta de vagas nos abrigos da FAS.

O diretor da FAS, Adriano Zoni, corrigiu a informação de que Curitiba tem aproximadamente 2 mil moradores de rua. Segundo o diretor, o levantamento será lançado com mais precisão daqui a um mês. Ele estima que a capital tenha hoje cerca de mil moradores de rua. Segundo Zoni, o abrigo tem apenas duzentas vagas, mas a FAS tem convênio com outros albergues, para onde também encaminha pessoas recolhidas pelo serviço de resgate social.

Quem também esteve presente no Fórum hoje foi o promotor Fábio Bruzamolín, que investiga denúncias de irregularidades no encaminhamento de moradores de rua com distúrbios mentais.

Segundo o diretor da FAS, a triagem dos pacientes com problemas de saúde é feita por funcionários da própria Secretaria Municipal de Saúde.

Os moradores de rua que foram ao Fórum reclamaram das condições que encontram quando chegam ao abrigo da Fundação de Ação Social. Celso Luis Pereira diz que é discriminado por ser morador de rua e que não tem acesso a outros serviços prestados a curitibanos que têm residência.

Zoni pediu aos moradores que se manifestem quando tiverem tratamento diferenciado.

Ele só reforça que é importante que os moradores de rua entendam que o abrigo tem um tempo de permanência máxima de 7 dias, porque se trata de um lugar de passagem. Se a pessoa precisa de mais tempo dentro do albergue, ela será encaminhada a outro endereço.

Link: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u100508.shtml>

FOLHAONLINE
www.folha.com.br

08/10/2004 - 21h57

Morador de rua queimado em Ponta Grossa morre em hospital

da **Folha Online**

O morador de rua Severino Dantas, 41, que teve cerca de 60% do corpo queimado na madrugada de quarta-feira (6), morreu na manhã desta sexta em Ponta Grossa (PR) *Movimento*

Dantas foi atacado enquanto dormia. Segundo testemunhas, três homens foram os responsáveis pelo crime. Eles jogaram álcool no corpo de Dantas e, em seguida, atearam fogo. *POPULAÇÃO de*

Ele sofreu ferimentos, principalmente, na região do rosto e do tórax, e foi levado para o hospital municipal de Ponta Grossa. *AVIA*

A suspeita é que uma briga entre os moradores de rua que dormem no local tenha motivado a agressão. No entanto, o caso ainda está sob investigação.

Prefeito de Paranaguá também pode ser indiciado por tortura

THIAGO REIS
da Agência Folha

O prefeito de Paranaguá (90 km de Curitiba), José Baka Filho (PDT), também poderá ser denunciado pelo crime de tortura. Na segunda-feira, o secretário da Segurança da cidade, Álvaro Domingues Neto, e quatro guardas municipais foram presos sob acusação de torturar mendigos. Três estão foragidos.

A denúncia do Ministério Público já foi enviada ao procurador-geral de Justiça, que decidirá se implica o prefeito na acusação.

De acordo com a denúncia, "[Álvaro Domingues Neto], contando com a participação de guardas municipais, estabeleceu como meta a erradicação dos moradores de rua, valendo-se de ameaças, agressões, condução forçada para fora deste município e promessas de serem eles incriminados por crimes que não cometeram".

Nesta quarta-feira, o vice-presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) do Paraná, Marino Galvão, disse que os fatos levam a crer que "alguém mais em cima sabia" sobre a tortura.

Os agentes públicos são acusados de terem levado à força, na madrugada de 25 de março, sete moradores de rua em uma van para Curitiba e os terem abandonado na cidade, além de agredi-los. Pesam ainda contra a Guarda Municipal outras acusações de tortura.

Galvão, que acompanha o caso e produziu um relatório próprio, condena os dois relatórios feitos a pedido do prefeito, por uma comissão especial formada por representantes da sociedade civil e por uma comissão da Câmara. "Os dois denotam o poder político de se defender. Nenhum bota o dedo na ferida. Eles são discrepantes do inquérito, que é feito por quem entende de investigação."

Galvão afirmou que "houve uma agressão desmedida aos direitos humanos e à cidadania, tanto física quanto moral". Segundo ele, a OAB vê as denúncias com "mal-estar". "Não é possível que um Poder Executivo pense em fazer uma limpeza étnica. Isso remonta à Idade Média", disse.

Ele afirmou, entretanto, que vê com preocupação a situação dos presos, em razão do "clamor público", e que fará uma visita a eles na próxima semana para saber se estão bem.

O secretário da Segurança do Paraná, Luiz Fernando Delazari, classificou o caso como "horroroso, gravíssimo" e também acusou o prefeito. "O pessoal não ia agir sozinho. Isso me parece uma política de governo."

Delazari disse que enviou ofício ao Ministério da Justiça e a órgãos internacionais como a ONU (Organização das Nações Unidas) e a OEA (Organização dos Estados Americanos).

Outro lado

O prefeito disse que está "tranquilo" em relação às acusações de tortura a mendigos. "Estou apenas cumprindo com o meu dever. Quero a verdade, não oportunismo."

Ele reafirmou que os relatórios produzidos após a denúncia do padre Adelir Antonio de Carli mostram que não houve agressão por parte da Guarda Municipal. Disse que não teve acesso ao relatório da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) e que, se forem colocados "fatos novos", eles também serão investigados.

Baka Filho disse que os acusados estão sofrendo um "linchamento moral" e que a família do secretário Álvaro Domingues Neto se sente insegura. Domingues Neto não quis conversar com a reportagem. Ele nega as acusações.

O prefeito acredita ainda que as denúncias tenham "motivação política". "Isso foi noticiado há seis meses. Por que essas medidas não foram tomadas à época, mas só agora nas eleições?", questiona.

Baka Filho afirmou que tem "participação efetiva na campanha" do candidato ao governo Osmar Dias (PDT) --que disputa o segundo turno contra o atual governador Roberto Requião (PMDB) --e que isso poderá ser usado contra Dias, "que não tem nada a ver".

O secretário da Segurança do Paraná, Luiz Fernando Delazari, rebate: "É uma grande bobagem. Essa é a desculpa de todo político acusado de um crime".



DIREITOS HUMANOS
SE CONQUISTAM NA LUTA



FÓRUM DE ENTIDADES NACIONAIS
de
DIREITOS HUMANOS

Padre apresenta documentos que comprovam maus-tratos a moradores de rua em Paranaguá

17 de outubro de 2006



O padre Adelir Antonio de Carli, que denunciou maus-tratos e expulsão de moradores de rua da cidade de Paranaguá, no litoral do estado, entregou ontem (16) ao secretário de Segurança Pública, Luiz Fernando Delazari, novos documentos que comprovam os crimes. O secretário municipal de Segurança e quatro guardas da cidade de Paranaguá estão presos na capital desde a semana passada, acusados de tortura e abuso de autoridade. Segundo inquérito concluído pela Polícia Civil, os guardas municipais retiravam moradores de rua e os torturavam

Lúcia Nórcio
Repórter da Agência Brasil

Curitiba - O padre Adelir Antonio de Carli, que denunciou maus-tratos e expulsão de moradores de rua da cidade de Paranaguá, no litoral do estado, entregou ontem (16/10) ao secretário de Segurança Pública, Luiz Fernando Delazari, novos documentos que comprovam os crimes.

Os documentos são um vídeo, em que o secretário de Segurança Municipal de Paranaguá, sargento Álvaro Domingues Neto, alega durante sessão na Câmara de Vereadores que o vice-prefeito da cidade teria conhecimento do "transporte" de mendigos para fora da cidade, e a foto de um morador de rua que teria sido agredido a coronhadas por um guarda municipal.

Delazari convidou o padre para também assinar o ofício a ser enviado à Organização das Nações Unidas (ONU) e à Organização dos Estados Americanos (OEA), com informações sobre a violação de direitos humanos. "Precisamos de toda a força

possível, porque nossa meta é resguardar a dignidade humana e queremos ainda servir de exemplo para que outras comunidades não tenham medo de enfrentar seus problemas", disse o padre.

Ele pediu ainda que fosse investigada razão da demora da Prefeitura de Paranaguá em responder a um ofício que relata as denúncias de maus-tratos contra os moradores de rua.

O secretário municipal de Segurança e quatro guardas da cidade de Paranaguá estão presos na capital desde a semana passada, acusados de tortura e abuso de autoridade.

Segundo inquérito concluído pela Polícia Civil, os guardas municipais retiravam moradores de rua e os torturavam, para depois deixá-los em um bairro da periferia de Curitiba e também na cidade de Registro, em São Paulo. Ainda estão foragidos da polícia três guardas municipais que teriam participado dos crimes.

Movimento

Audiência pública vai discutir violência contra moradores de rua no Paraná

Lúcia Nório
Repórter da Agência Brasil

Curitiba - As agressões a moradores de rua de Paranaguá, no litoral do Paraná, serão discutidas na próxima semana em audiência pública convocada pelo **Conselho Permanente de Direitos Humanos**, vinculado à Secretaria estadual da Justiça e Cidadania. A decisão foi tomada hoje (17) durante reunião extraordinária do conselho.

Segundo o secretário de Segurança Pública do estado, Luiz Fernando Delazari, trata-se de um caso gravíssimo de afronta aos direitos humanos e à dignidade do ser humano sem precedentes, e a população precisa saber que isso é crime e que não pode ser referendado por pessoas de bem da cidade de Paranaguá.

O caso foi denunciado há cerca de cinco meses. Entre os acusados de torturar e expulsar da cidade dez moradores de rua, estão o secretário municipal de Segurança, Álvaro Domingues Neto, e dez guardas municipais. O padre Adelir Antônio de Carli, que fez as denúncias, também participou da reunião de hoje.

A Secretaria da Segurança Pública vai comunicar o fato ao Ministério da Justiça, à Organização das Nações Unidas (ONU) e à Organização dos Estados Americanos (OEA), incluindo uma cópia do inquérito policial para que as respectivas comissões de direitos humanos acompanhem as investigações e punição dos responsáveis. A

seccional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) no Paraná está acompanhando as investigações

O coordenador da organização não-governamental (ONG) **Terra de Direitos**, Leandro Franklin, que também participou da reunião, disse que a audiência pública deverá ter caráter pedagógico, de esclarecimento aos moradores de que há necessidade premente de respeito aos direitos humanos e resgate da cidadania de qualquer pessoa, incluindo os moradores de rua.



Tortura de mendigos em Paranaguá vai ser comunicada à ONU - 11/10/2006 17:00:00

O secretário da Segurança Pública do Paraná, Luiz Fernando Delazari, enviará um documento comunicando à Organização das Nações Unidas (ONU) e à Organização dos Estados Americanos (OEA) as denúncias de que moradores de rua de Paranaguá, litoral do estado, teriam sido expulsos da cidade, depois de terem sido torturados física e psicologicamente por guardas municipais da Prefeitura. O Ministério da Justiça também será comunicado para que possam ser tomadas providências em relação à gestão da Secretaria Municipal de Segurança.

“O que estava acontecendo em Paranaguá é um absurdo, que fere todos os princípios dos direitos humanos e a liberdade de ir e vir dos cidadãos. Além das investigações e prisões, o fato deve ser levado ao conhecimento dos órgãos internacionais que lutam pela defesa dos direitos humanos. Futuramente, essas organizações podem ajudar a fiscalizar essas atrocidades”, ressaltou o secretário.

Além disso, o Conselho Permanente de Direitos Humanos do Estado do Paraná (Coped) convocou reunião extraordinária com a Secretaria da Segurança e com os demais conselheiros, para, juntos, verificarem que providências podem ser tomadas futuramente para proteger essas pessoas vítimas de abuso. Segundo o Coped, a reunião está marcada para a próxima terça-feira (17), às 8h30 da manhã.

Para o secretário Delazari, o desafio da polícia agora é investigar e descobrir quem são os envolvidos no caso que trabalham na Prefeitura de Paranaguá. “Vamos esclarecer de quem partiu a iniciativa de torturar e despejar os mendigos da cidade, portanto, outras pessoas podem ser responsabilizadas pelos crimes”, acrescentou Delazari.

Abusos – Na terça-feira (10), o secretário municipal de Segurança Pública de Paranaguá, Álvaro Domingues Neto, e quatro guardas municipais da cidade foram presos pela Polícia Civil, acusados de tortura e abuso de autoridade contra mendigos que ficavam nas ruas de Paranaguá, litoral do Paraná. De acordo com inquérito concluído pela Polícia Civil, os guardas municipais retiravam à força mendigos das ruas da cidade, os torturavam e os abandonavam locais afastados da cidade. Outros três guardas municipais que teriam participado dos crimes ainda são procurados pela polícia. Todas as prisões foram decretadas na tarde de segunda-feira (09), pela 2.ª Vara Criminal de Paranaguá.

Segundo o delegado Valmir Soccio, titular da Subdivisão de Paranaguá, existem relatos de nove casos de despejo dos mendigos. Em três situações, eles foram abandonados em vias públicas em um bairro da periferia de Curitiba. Outra denúncia relata que alguns mendigos foram abandonados na cidade de Registro, no interior de São Paulo.

Além disso, há três casos parecidos em que mendigos foram abandonados no lixão de Paranaguá, nas cavas do Imbuquí. No Viaduto dos Padres, na BR-277, entre o litoral do estado e Curitiba, aconteceram mais dois casos distintos. “Temos relatos de que dois mendigos foram abandonados na ponte, seus pertences foram jogados lá para baixo e eles foram ameaçados de morte, se voltassem para Paranaguá. Foram deixados no meio do viaduto, a pé”, contou o delegado.

As investigações começaram em março deste ano por determinação da Secretaria de Estado da Segurança Pública. O padre da cidade, Adelir Antonio de Carli, denunciou a prática dos guardas municipais para o Ministério Público Estadual, que repassou as investigações do caso ao secretário da Segurança do Paraná, Luiz Fernando Delazari. A partir daí, a Polícia Civil passou a investigar o caso e efetuou as prisões.



Link: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL219294-5598,00-MORADOR+DE+RUA+E+QUEIMADO+COM+ACIDO+ENQUANTO+DORMIA.html>



[brasil](#) / **violência**

14/12/07 - 15h02 - Atualizado em 14/12/07 - 15h02

Morador de rua é queimado com ácido enquanto dormia

Homem de 32 anos teve mãos, braços, peito e rosto queimados em Curitiba. Segundo o médico, ele terá seqüelas e poderá ficar desfigurado.

Do G1, em São Paulo, com informações da TV Paranaense

Tamanho da letra



Morador de rua foi queimado com ácido em Curitiba (Foto: Reprodução/TV Paranaense)

Um morador de rua de 32 anos teve as mãos, os braços, o peito e o rosto queimados por ácido enquanto dormia, em Curitiba. Ele foi levado em estado grave ao Hospital Evangélico, na capital paranaense, e deve permanecer internado por pelo menos um mês.

Segundo o médico José Luiz Takaki, o homem vai perder mais da metade da pele da face, que terá de ser substituída por enxertos. O médico afirmou que ele terá seqüelas e poderá ficar desfigurado, pois o rosto foi a área do corpo mais atingida pelo ácido.

O morador de rua disse não saber quem jogou o produto e que acordou se

Link: <http://www.parana-online.com.br/editoria/policia/news/95251/?noticia=MORADOR+DE+RUA+ACHADO+MORTO>

ParanáOnline

30/09/2004 às 02:00:50 - Atualizado em 19/07/2008 às 15:46:01

Morador de rua achado morto

Carlos Simon

Um morador de rua morreu sentado na casa abandonada na qual se abrigava. A vítima, de nome ainda desconhecido, foi encontrada às 8h de ontem, na Rua Izabel Redentora, quase no cruzamento com a BR-376, centro de São José dos Pinhais. A causa da morte será determinada pela Instituto Médico Legal.

O local era uma revendedora de carros até um ano e meio atrás. Depois, virou abrigo para andarilhos da região. "Mas nenhum deles apareceu para contar como a vítima morreu", disse o cabo Toledo, do 17.º Batalhão da PM, que atendeu o caso com o soldado Saturno.

Em meio ao lixo acumulado no cômodo em que estava a vítima, a PM encontrou um receituário médico em nome de Carlos Alberto dos Santos, 33 anos, expedido por um posto de saúde de Balneário Camboriú (SC). Pode ser uma pista da identidade do homem, que não portava documentos. O perito Emir Gebran, da Polícia Científica, não detectou sinais visíveis de violência no cadáver.

Link: http://tempo_1.taroba.com.br/news.php?news=1262



Sábado, 7 de Fevereiro de 2009

AGREDIDO NA MADRUGADA:

O andarilho Adilson Guedes dos Santos de 26 anos foi espancado por dois homens durante esta madrugada e socorrido pelo SIATE às 05:30 nas esquinas das Avenidas Duque de Caxias e Celso Garcia Cid no centro. Houve uma briga em um bar nas proximidades, os policiais militares foram acionados, apartaram os envolvidos e foram embora. Dois homens que estavam na briga acharam que foi o Adilson Guedes quem chamou a PM e passaram a agredi-lo com um cacete provocando ferimentos na cabeça e nas pernas, foi socorrido pelo SIATE e encaminhado à Santa Casa, não corre risco de morte.



Link:<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=901135&tit=Morador-de-rua-e-assassinado-embaixo-do-Viaduto-do-Capanema>



GAZETA DO POVO

Curitiba

Morador de rua é assassinado embaixo do Viaduto do Capanema

30/06/2009 | 21:07 | Adriano Kotsan

Um morador de rua, que ainda não foi identificado, foi encontrado morto no início da manhã desta terça-feira (30) embaixo do **Viaduto do Capanema**, nas proximidades da rodoferroviária de Curitiba, na região central da cidade. Esse é o segundo caso de homicídio sob o viaduto. **No dia 3 deste mês outro homem havia sido assassinado no local.**

Segundo informações da sala de imprensa da **Polícia Militar (PM)**, o corpo do morador de rua foi encontrado às 7h47 desta terça-feira. Ele morreu vítima de agressão física. Informações não oficiais dão conta que o homem, que tinha cerca de 30 anos, foi atingido por um tijolo no rosto e por uma facada nas costas.

O viaduto é usado como abrigo por vários moradores de rua e a polícia acredita que houve um desentendimento, que acabou provocando a morte do homem.

Outros casos

A PM registrou três assassinatos na noite de segunda-feira (29), todos provocados por arma de fogo. No bairro **Cajuru**, em Curitiba, dois homens foram mortos dentro de casa, na Rua Maria B. Chanoski, 340. **Ezequiel Hipólito da Silva**, 45, e **João Gilberto Nunes**, 45, morreram no local. A polícia não sabe quem foram os autores nem o motivo do crime.

Em **Araucária**, na região metropolitana de Curitiba, um jovem foi assassinado na Rua Luis Cordeiro, bairro Jatobá 1. **Rodrigo da Silveira Pereira**, 21, foi baleado e morreu no local. A polícia também não tem informações de quem cometeu o crime.

Link: <http://www.bemparana.com.br/index.php?n=37435&t=curitiba-registra-a-primeira-morte-por-frio-do-ano>



Inverno

Curitiba registra a primeira morte por frio do ano

Morador de rua foi encontrado no Bom Retiro. Previsão de frio se mantém

🕒 29/07/07 às 20:22 | Carlos Simon, do Jornal do Estado

A massa de ar polar que percorre o Paraná desde quinta-feira trouxe mais frio e pelo menos uma morte em Curitiba. A previsão é de outras duas madrugadas geladas em Curitiba e Região Metropolitana.

Perto das 7h15 de ontem, um morador do bairro Bom Retiro avisou a Polícia Militar que um homem aparentava estar morto numa pequena praça defronte a uma igreja na Rua Jornalista Octavio Secundino. A PM confirmou o óbito da vítima, um morador de rua que não portava documentos e não foi identificado pelos vizinhos. A causa provável do morte é uma complicação derivada da hipotermia.

A mínima de ontem na Capital foi 2,3°C, a segunda mais baixa da cidade no mês de julho. A ação dos ventos amenizou a formação de geadas fracas na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), mas aumentou a sensação de frio. A intensidade da massa polar inibiu a elevação da temperatura durante o dia, e a máxima em Curitiba não passou dos 9°C - mas com sensação térmica em torno de 3°. Em todo o Estado, Palmas teve a menor temperatura: 0°C.

E a madrugada de segunda-feira tende a ser ainda mais gelada. “A atual frente fria nem bem saiu e outra, vinda do Sul, voltará a reduzir as temperaturas no Estado”, afirma o meteorologista Marcel Brauer, do Instituto Tecnológico Simepar. A mínima deve ficar entre 1 e 2 graus na Capital. Há previsão de geadas em todo o Estado, com exceção do Noroeste e Litoral. Em Curitiba, deve gear novamente amanhã, mas com menor intensidade.

A perspectiva é que o frio continue forte até a madrugada de amanhã, quando a temperatura volta e se elevar à medida que a massa polar se afasta em direção ao oceano.

Agricultura – A Secretaria Nacional de Defesa Civil (Sedec) orienta os agricultores para que tomem as medidas preventivas necessárias para minimizar os efeitos da geada. Balanço preliminar dá conta que as plantações de trigo já sofreram perdas por conta da geada.

Link: <http://portal.rpc.com.br/jl/online/conteudo.phtml?tl=1&id=893309&tit=Homem-e-encontrado-morto-no-Passeio-Publico-frio-pode-ser-a-causa>

JM - Jornal de Maringá



Curitiba

Homem é encontrado morto no Passeio Público; frio pode ser a causa

Um homem de 47 anos foi encontrado morto na manhã desta quinta-feira (4) dentro do **Passeio Público**, no Centro de Curitiba. A principal suspeita da **Polícia Militar (PM)**, é que **João Maria Fortunato Alves**, identificado por testemunhas como morador de rua, tenha morrido de hipotermia (condição em que o metabolismo do organismo deixa de responder por conta da queda na temperatura corporal).

Segundo a PM, o corpo foi encontrado por volta das 5h40, por um guarda municipal que abria os portões do parque. O homem estava próximo ao portão que fica de frente para a **Rua Presidente Faria**. Como não havia marcas de agressão ou outros tipos de ferimento, o relatório da PM divulgado pela sala de imprensa do órgão informa que a principal suspeita é de hipotermia.

No início da manhã desta quinta-feira, Curitiba registrou a menor temperatura deste ano. Entre as 6 e as 7 horas, [os termômetros marcaram 0°C na capital paranaense](#), segundo medições do **Instituto Tecnológico Simepar**.

O corpo foi recolhido pelo **Instituto Médico-Legal (IML)**, que, até por volta das 11h20, fazia o exame de necropsia para avaliar as reais causas da morte. O **Serviço de Medicina Legal (SML)** do órgão e a PM não tinham informações sobre a roupa que a vítima trajava quando foi encontrada.

Vítima do frio

Se confirmada a causa da morte por hipotermia, este será o segundo caso do tipo registrado no Paraná neste ano. Na segunda-feira (1º) um homem de 34 anos, foi encontrado morto em uma estrada vicinal junto ao Contorno Sul, em Apucarana, no Norte do estado. [Segundo o exame de necropsia, Lorival Moreira Pinto morreu por conta do frio.](#)

O auxiliar de necropsia José Jerônimo dos Santos disse que o corpo apresentava coloração azulada, típica de casos de vítimas de hipotermia. “O rapaz estava descalço e trajava apenas uma calça jeans e camiseta, sem portar um agasalho em uma noite muito fria”, acrescentou.

03/06/2009 - 21h22

Frio causa morte em Apucarana (PR); temperatura chega a -4,4°C em SC

ANNA CAROLINA CARDOSO

colaboração para a **Folha de S.Paulo**

A região Sul do país registrou nesta quarta-feira as temperaturas mais baixas do ano. Em Urubici (SC), a mínima registrada foi -4,4°C, segundo o Inmet (Instituto Nacional de Meteorologia). Em São Joaquim (241 km de Florianópolis), houve neve nas madrugadas desta quarta e de terça-feira (2).

No Paraná, o frio fez a primeira vítima do ano. A morte de um agricultor por hipotermia em Apucarana (355 km de Curitiba) foi confirmada pelo IML (Instituto Médico Legal) da cidade. O homem morreu no fim de semana, mas o corpo só foi encontrado na segunda.

A temperatura mais baixa do ano no Paraná também foi registrada hoje: -4,3°C, em General Carneiro, segundo o Inmet. No final de semana, quando o agricultor morreu, a temperatura mais baixa registrada foi 9°C, segundo o instituto de meteorologia Simepar. De acordo com o IML, ele havia consumido bebida alcoólica e acabou dormindo em uma estrada da região.

A temperatura mais baixa do Rio Grande do Sul foi registrada em Lagoa Vermelha: -1,5°C.

Houve registro de geada em todos os Estados do Sul. A previsão é de frio intenso na região na manhã de hoje. Mas a temperatura no Sul deve voltar a subir nos próximos dias.

No Estado de São Paulo, a temperatura mais baixa do ano foi registrada hoje em [Campos do Jordão](#). Termômetros marcaram -1,4°C, segundo o Inmet. A previsão é que a temperatura hoje chegue a -1°C e volte a subir amanhã.

Campos do Jordão foi a única cidade do Estado a registrar temperatura negativa. Na capital, foram registrados 8,6 °C. A temperatura hoje deve chegar a 7°C. Em Taubaté, geou de madrugada.

Link:<http://200.189.113.39/mppr/noticiamp.nsf/9401e882a180c9bc03256d790046d022/ed05fc20a658181b8325742e00526ea9?OpenDocument&Click=>



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ
Procuradoria-Geral de Justiça
Assessoria de Imprensa

MP na Imprensa

Corpo de homem utilizado no golpe do seguro foi exumado

Data: 17/04/2008

Autor: Marcio Barros

Fonte: O Estado do Paraná e Tribuna do Paraná

A suposta venda do cadáver de um indigente, para aplicar golpe em uma seguradora americana pode ser o fio da meada para um esquema de corrupção no Instituto Médico Legal (IML). "Estamos bem próximos de desbancar uma quadrilha que age dentro do IML.

Temos certeza que outras pessoas serão presas", completou o delegado Sérgio Inácio do Núcleo de Repreensão a Crimes Econômicos (Nurce).

Ontem, foi feita a exumação do corpo enterrado como sendo de Mércio Eliano Barbosa, preso pelo Nurce. O papiloscopista João Alcione Cavalli, suspeito de receber para cuidar da liberação do cadáver, foi detido na terça-feira.

Identificação A restauração dentária no molar direito da arcada inferior, é o principal que o cadáver exumado ontem seja de Marcelo Alves, 25 anos, filho da zeladora Vanda Alves, moradora na Vila Verde, Cidade Industrial. Legistas devem confirmar a identificação, a continuação ao inquérito que apura a possível venda de cadáveres no Instituto Médico Legal (IML).

Dentro de dez dias deve sair o resultado do confronto de exames de DNA do cadáver de Vanda Alves. O corpo deu entrada no IML em 3 de julho de 2007 e foi enterrado 23 dias depois, com o nome de Mércio.

Segundo o delegado Sirino, é fundamental identificar o corpo para que o Nurce defina a linha de investigação. "Já sabemos que não é o Mércio que estava enterrado, mas precisamos identificar se realmente é o Marcelo Alves e a forma como ele foi morto. O laudo diz edema pulmonar, mas não descartamos a hipótese de que ele tenha sido vítima de violência". O laudo, realizado no IML, também passará por uma perícia, para verificar se foi fraudado.

Esquema montado no exterior

Com a intenção de ganhar 1,6 milhão de dólares simulando a própria morte, Mércio fez um seguro milionário em Nova York há três anos e, quando voltou para o Brasil, encontrou um cadáver para ser sepultado com a sua identidade. Para o plano, teria contato através do site de relacionamento orkut, com o papiloscopista João Alcione que receberia R\$ 30 mil para cuidar dos trâmites internos no IML. A irmã de Mércio Barbosa, 20, reconheceu o morto como sendo seu irmão e fez liberação do corpo.

A seguradora acionou a polícia brasileira, que iniciou as investigações e também no orkut, conseguiu descobrir o golpe. Cristian Andrade, que sabia da fraude, tirou um empréstimo em seu nome para Mércio. "Assim que a seguradora efetuasse o pagamento, ele seria

Vamos continuar as investigações para entender todas as artimanhas desse golpe, para prender outros responsáveis dentro do IML", completou o delegado Sirino.

Mãe enganada e desorientada

Giselle Ulbrich

Com a voz embargada, a zeladora Vanda Alves, 55 anos, contou o Paraná-Online a história de seu filho, Marcelo Alves, que desde os 10 anos vivia fora de casa. Também descreveu a peregrinação pela qual passou tentando sepultá-lo. Enquanto aguarda autorização do juiz, para retirar o corpo do Instituto Médico-Legal (IML), soube que pessoas, que nem conhecia, o haviam liberado. Vanda ainda tentou saber o que estava acontecendo, mas não conseguiu e foi convencida a deixar as coisas quietas. "Entrou em mão de Deus", relata a mãe, que só três meses depois foi descobrir onde Marcelo estava enterrado.

Quando o rapaz, prestes a completar 26 anos, morreu, em 3 de julho do ano passado, soube da notícia no mesmo dia por vizinhos, que escutaram o apelido dele, "Treme" numa rádio. Marcelo teria morrido de frio, já que preferia morar pelas ruas. A mãe foi reconhecer o corpo. No entanto, como o rapaz não possuía carteira de identidade, certidão de nascimento, Vanda precisou de autorização do juiz para liberar o cadáver no fórum, a informaram que o processo duraria cerca de 30 dias. Antes desse prazo, e em julho, soube que o filho havia sido liberado por um casal, que o reconheceu com o

Enganada A zeladora não fazia ideia de quem era o casal, já que a liberação é autogerida apenas a parentes de primeiro grau e ela era a única que poderia fazer isso. Tentou ligar para os atendentes do IML o telefone ou endereço das pessoas que retiraram o corpo, para esclarecimentos, mas os funcionários alegaram que a informação era sigilosa.

Sem saber o que fazer, Vanda foi convencida pela irmã a esquecer aquilo. Passados três meses, recebeu a visita de representantes de uma seguradora, que depois de fazer algumas perguntas, lhe contaram que o corpo do filho dela poderia ter sido usado num golpe. A própria seguradora constatou a fraude e acionou a polícia.

A zeladora foi ouvida ontem à tarde, no Nurce. Suas declarações levaram a polícia a descobrir novos fatos, que podem nortear mais investigações e levar outros envolvidos à cadeia.

[Assessoria de Imprensa](#) - Ministério Público do Estado do Paraná

Link: <http://portal.rpc.com.br/jl/online/conteudo.phtml?tl=1&id=893309&tit=Homem-e-encontrado-morto-no-Passeio-Publico-frio-pode-ser-a-causa>



GAZETA DO POVO

Aniele Nascimento/Gazeta do Povo



Fazenda Solidariedade: prefeitura alega que distância dificultava visitas de familiares
CIDADANIA

Prefeitura de Curitiba fecha a Fazenda Solidariedade

Instituição prestava atendimento a dependentes químicos e moradores de rua. Nos novos locais, internos terão menos atividades

Publicado em 26/08/2009 | JOSÉ MARCOS LOPES

A Fundação de Ação Social (FAS), da prefeitura de Curitiba, encerrou as atividades no Centro de Atendimento Fazenda da Solidariedade, no município de Campo Magro, na região metropolitana, que prestava atendimento a dependentes químicos e moradores de rua. As justificativas são o custo de manutenção da fazenda e o fato de a unidade ficar em outro município. Segundo a FAS, cerca de 30 internos foram encaminhados para duas entidades de assistência social de

Curitiba que mantêm convênio com a Fundação. Outros 20 teriam voltado para suas famílias.

Com a mudança, a partir de agora os internos não terão mais acesso a diversas atividades que eram desenvolvidas na fazenda de 42 alqueires, como lavoura, marcenaria, suinocultura, panificação e fitoterapia, já que ficarão em entidades que funcionam em Curitiba. A diretora de Proteção Social Especial da FAS, Cláudia Foltran, não soube precisar os gastos mensais com a Fazenda Solidariedade, nem o que será feito na área, que pertence à FAS. Atualmente há uma usina de reciclagem de lixo no local, que é administrada pelo Instituto Pró-Cidadania de Curitiba (IPCC). Segundo a assessoria do IPCC, a usina não deverá ser desativada.

Os internos da Fazenda Solidariedade foram transferidos para duas entidades de Curitiba: o Recanto Tarumã e o Recanto Feliz. O Recanto Tarumã atende 98 pessoas, 14 das quais estavam em tratamento na fazenda. A entidade oferece serviços de lavanderia, farmácia e enfermagem, além de atividades como terapia ocupacional, musicoterapia, sala de jogos e hortas. Já o proprietário do Recanto Feliz, Antônio Gonçalves, disse não dispor de espaço para ofertar tantas atividades ocupacionais. “Temos fisioterapeuta e nutricionistas, mas a casa não é muito grande. São feitas atividades com eles, tem brincadeiras e jogos.” Gonçalves não soube precisar quantos internos vieram da Fazenda Solidariedade e disse que atualmente há 13 idosos no local.

Apesar de as entidades localizadas em Curitiba não possuírem a estrutura que era ofertada na Fazenda Solidariedade, na avaliação de Cláudia Foltran, diretora de Proteção Social Especial da FAS, o atendimento será melhor. “Essa passagem dos usuários vai trazer benefícios, porque há uma aproximação. Grande parte dos atendidos é de Curitiba, era até difícil o acesso das famílias. “Estávamos prestando atendimento em outro município e tem a questão do investimento, que era muito alto. Além disso, não favorecíamos o desenvolvimento da nossa rede. Fizemos essa mudança até para privilegiar entidades que nos apoiam.”

A vereadora Renata Bueno (PPS) ficou sabendo do fim das atividades na Fazenda Solidariedade por meio de moradores da região. Ela encaminhou um pedido de informações à prefeitura, mas até a semana passada não tinha obtido resposta. “É uma entidade que há mais de 20 anos prestava um bom trabalho social”, disse. O pedido de informações foi aprovado pela Câmara no dia 11 deste mês, mas 15 dias depois,

prazo regimental para a prefeitura encaminhar as explicações, não havia sido respondido. A vereadora questiona o motivo que levou a FAS a fechar a fazenda, para onde serão levados alcoólicos e usuários de drogas sem vínculo familiar e o que será feito no local.

Doações

O Recanto do Tarumã e o Recanto Feliz aceitam doações para ajudar no trabalho das entidades. Segundo o coordenador de marketing do Recanto Tarumã, Daniel Seleme, podem ser encaminhados desde alimentos a materiais de escritório. "Também mantemos uma creche. Mas materiais de limpeza, higiene, móveis usados e peças de informática são bem-vindos, já que temos um bazar de usados", afirma. As doações podem ser feitas na Rua Konrad Adenauer, 576, no bairro Tarumã. O telefone é 3266-3813. Já quem quiser fazer doações para o Recanto Feliz pode ligar no horário comercial para o telefone 3226-5320.



Link: <http://www.bemparana.com.br/index.php?n=37435&t=curitiba-registra-a-primeira-morte-por-frio-do-ano>



Terça-feira, 21.04.2009 | Hora Certa: 14:38

Curitiba

05/03/2009 Curitiba está entre as cidades com mais moradores de rua

Eduardo Correa - 05/03/2009

A responsabilidade sobre o aumento do número de moradores de rua é um problema do poder público ou de todos nós? Quem trabalha com este tipo de situação afirma que toda a sociedade precisa se envolver nesta questão. Se não houver um trabalho conjunto, a situação pode atingir níveis críticos. A diretora-presidente da ONG "Casa do Peregrino", Beatris Fernandes, diz que a maioria das pessoas fecha os olhos para a realidade. Os andarilhos só passam a ser um problema quando são indesejados em determinado local.

Por medo, muitas vezes a reação de quem encontra um morador de rua é o repúdio, a hostilidade e um comportamento agressivo. Esta agressividade pode chegar até mesmo a ser física. Beatris destaca que este comportamento só piora o problema.

Geralmente uma pessoa se torna moradora de rua porque passou por um processo de desestruturação familiar. Pode ser depois de uma separação, porque chegou a determinada idade e não é mais aceita pelos familiares dentro de casa, talvez pela perda do emprego. As causas podem ser muitas. Para ajudar a minimizar o problema, a sociedade pode ajudar com a oferta de oportunidades. Empresários podem oferecer empregos que não exijam muita qualificação e proporcionar um acompanhamento social e psicológico. A tarefa não é fácil, mas é uma contribuição importante. No caso da população em geral, é complicado oferecer trabalho, como atividades de limpeza ou jardinagem. No caso de impossibilidade de uma participação neste sentido, simplesmente o respeito já representa muito.

Talvez a oferta de um emprego não resolva a questão, mas as organizações que trabalham com moradores de rua reforçam que não depende apenas do fato da pessoa querer ou não ser ajudada.

Outro ponto bastante discutido quando se fala em andarilhos é a esmola. Muita gente não dá dinheiro e defende a atitude com a alegação de que aquele valor vai ser utilizado pelos moradores de rua para a compra de bebida alcoólica. Quem defende este posicionamento está certo, afinal, para quem não tem nada, o vício se transforma no único consolo. Uma forma é repassar o dinheiro a instituições, sejam elas públicas ou autônomas. Mas há o receio de que os recursos não sejam efetivamente usados nas causas a que se destinam. Mas existe uma forma simples de garantir a destinação do dinheiro, acompanhar o trabalho das instituições.

De acordo com um levantamento feito pelo Ministério do Desenvolvimento Social, divulgado no ano passado, Curitiba tem cerca de 2.700 moradores de rua. O número coloca a capital paranaense, proporcionalmente, entre as cidades que têm mais habitantes vivendo nestas condições. A Fundação de Ação Social, ligada a prefeitura, apontou também no ano passado cerca de 1.000 moradores de rua. Os dados não batem porque haveria diferenças na contabilização das duas pesquisas. Nesta quinta-feira acontece um seminário em Curitiba onde diversas instituições discutem formas de minimizar os problemas. O principal ponto do encontro é debater o papel da sociedade neste processo.

Link: <http://odiariomaringa.com.br/noticia/218634>



Cidades | Frente fria | Atualizado Quinta-feira, 04/06/2009 às 17h24

Morador de rua morre por hipotermia em Curitiba; foi a 2ª vítima do frio no Estado

Luiz Fernando Cardoso

lfcardoso@odiariomaringa.com.br

Um morador de rua não resistiu ao frio e morreu por hipotermia, em Curitiba, na madrugada desta quinta-feira (4). Foi a segunda morte causada pelo frio este ano, no Estado. Institutos meteorológicos registraram temperatura abaixo de zero na capital paranaense - a mínima chegou a -5,3°C em General Carneiro, na região centro-sul.

Segundo divulgou o site Bonde News, João Maria Fortunato Alves, de 47 anos, foi encontrado por volta das 6 horas por um guarda municipal, no Passeio Público, no centro da cidade. O corpo foi recolhido pelo Instituto Médico Legal (IML), que confirmou a causa da morte no início da tarde desta quinta-feira.

Na segunda-feira (1º), quando a frente fria derrubou as temperaturas no Paraná, um homem de 34 anos morreu de hipotermia (queda brusca na temperatura do corpo, provocada pelo frio) em Apucarana (distante 65 quilômetros de Maringá). De acordo com a Polícia Militar da cidade, Lorival Moreira Pinto morreu por volta das 21 horas.

O corpo dele foi encontrado junto a uma árvore ao lado de uma garrafa vazia de cachaça. Segundo o Instituto Médico Legal de Apucarana, o homem estava embriagado, sem calçados e usava somente um calça jeans e uma camiseta. Seu corpo apresentava coloração azulada, própria de mortes por hipotermia.

Link: <http://www.parana-online.com.br/editoria/policia/news/346407/>

ParanáOnline

Polícia / Notícias

06/01/2009 às 00:00:00 - Atualizado em 06/01/2009 às 01:51:27

Morador de rua esfaqueado no Bacacheri

Redação

O morador de rua Evandro Prado da Luz, 29 anos, foi esfaqueado por dois indivíduos na noite de domingo, na Rua Paulo Nadolny, próximo à entrada do Parque General Iberê de Mattos, Bacacheri. Dois suspeitos foram detidos e autuados por lesão corporal. Eles teriam brigado por causa de um cobertor.

POPULAÇÃO
de
RUA

Link: <http://www.bemparana.com.br/index.php?n=71786&t=homem-dorme-na-rua-e-morre-de-frio-em-curitiba>



Paraná

Santa Felicidade

Homem dorme na rua e morre de frio em Curitiba

Vítima, de 44 anos, caiu a poucos metros da casa em que morava

🕒 18/06/08 às 12:06 | Redação Bem Paraná

frio intenso dos últimos dias fez uma vítima fatal na madrugada de hoje (18). Um homem de 44 anos foi encontrado morto às 6h30 na rua Augusto Manfron, Santa Felicidade.

Vizinhos viram o homem caído na rua de manhã e ligaram para a Fundação de Ação Social (FAS), da Prefeitura. Quando o Resgate Social chegou, a vítima já estava morta. O IML foi acionado para recolher o corpo.

A vítima morava na mesma rua, a poucos metros de onde foi encontrada. Mais tarde descobriu-se que o homem passou a noite bebendo num bar da região. Ao voltar para casa a pé, caiu no meio do caminho e não levantou mais.

A suspeita principal, de hipotermia (baixa temperatura do corpo causada pelo frio), deve ser confirmada após o exame de necropsia do IML. Foi o primeiro registro de morte por frio neste ano em Curitiba.

Link:<http://mais.uol.com.br/view/1575mnadmj5c/fiscais-acusados-de-agredir-moradores-de-rua-no-parana-0402396CE0A16326?types=A&>



Fiscais acusados de agredir moradores de rua no Paraná - 03/02/2009 22h41



Vizinhos de uma rodoviária no Paraná denunciam que moradores de rua são constantemente agredidos por fiscais de trânsito. Com uma câmera escondida, eles filmaram a ação de um agente.

<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=895942&tit=Endereco-incerto>

GAZETA DO POVO

Curitiba ao relento

Fotos Daniel Derevecki/Gazeta do Povo



Paulo César Lopes Vieira e o cachorro Barba: morador de rua há 20 anos, ele prefere a calçada ao abrigo por causa do tráfico

Endereço incerto

A reportagem da Gazeta do Povo foi às ruas para ver o que fazem os mendigos nas noites frias de Curitiba. Descobriu que muitos consideram a rua melhor do que o albergue

Publicado em 14/06/2009 | Pollianna Milan

Deitado em um banco da Praça Osório, em Curitiba, Abel Carneiro, 49 anos, está visivelmente alcoolizado e com frio. Os termômetros chegam próximo da casa do zero grau e o morador de rua – um dos 2,7 mil de Curitiba, segundo o governo federal, e 1,1 mil conforme a prefeitura (leia mais nesta página) – não para de tremer. O Resgate Social do município é acionado por volta das 2h30 horas da madrugada: a educadora chega, faz contato com Abel, mas ele se nega a ir para o albergue. “Não gosto de lá”, afirma ele à reportagem depois que o resgate vai embora.

Abel não será o primeiro nem o último morador de rua que dará a mesma resposta aos educadores sociais que varam a noite na tentativa de retirar os mendigos da rua. A reportagem – sem ser identificada – chamou a equipe da Fundação de Ação Social (FAS) mais duas vezes na noite da última segunda-feira – quando começou a percorrer as ruas para mostrar como vivem os moradores de rua nas noites frias de Curitiba. Em todas elas notou que os moradores de rua preferem enfrentar o inverno a ter de ir para o albergue.

Os dados do monitoramento da própria FAS não deixam dúvidas: do total de abordagens feitas do início do ano até agora, 50% delas foram em vão, porque o morador de rua se negou a receber atendimento (veja tabela nesta página). É nas ruas da cidade que eles conquistam a liberdade, pois não têm horários a cumprir, podem fumar, beber e se drogar. Mas, ao contrário do que muita gente pensa, os motivos da preferência pela rua não são apenas os mais óbvios.

Grande parte destes moradores de rua são conhecidos pela equipe de resgate social, porque já passou pelo albergue pelo menos uma vez na vida. E é exatamente o fato de conhecer o abrigo que motiva os moradores a preferir dormir nas calçadas geladas de Curitiba. “Manda a Anvisa [Agência Nacional de Vigilância Sanitária] lá. Te garanto que eles fecham o albergue na hora. Prefiro dormir aqui [debaixo de uma janela do Shopping Estação] porque o ar é mais limpo”, afirma Ismael, que preferiu ser identificado apenas pelo primeiro nome. Ismael conta que a última vez que passou pelo abrigo compartilhou o quarto com um outro morador que tinha tuberculose. “O cara tossiu a noite inteira, achei que ia ficar doente também”, diz.

Além do possível contato com doenças contagiosas – o número de mendigos que dormem no mesmo quarto é grande, chegando a ter 20 beliches em um ambiente –, os moradores de rua dizem que o tráfico de drogas já chegou dentro do abrigo também. “Lá tem gente boa e ruim. O problema é que tem drogado e eu sou viciado apenas no álcool. Sabe como é, tem a pedra”, diz Paulo Cesar Lopes Vieira, 40 anos, que mora há 20 anos na rua. Na segunda noite (última terça-feira) em que a reportagem foi às ruas para conversar com os moradores de rua – agora na companhia do Resgate Social –, uma indigente (o nome não será divulgado para que ela não seja vítima de retaliação) citou ao educador social uma lista de nomes de pessoas que estariam traficando dentro do albergue. “Não vou porque não preciso, não quero, lá tem tráfico”, diz.

Só com máscara

Para apurar as denúncias feitas pelos moradores de rua, a reportagem tentou entrar no albergue ainda na última terça-feira, mas só teve autorização para a visita na quarta-feira à noite. A primeira coisa que chama a atenção ao chegar no abrigo é o cheiro forte que se espalha pelos corredores e se intensifica nos quartos. Uma educadora que cuida da ala feminina está de máscara, segundo a funcionária da FAS Maria Elizabeth Kopachinski Biela, justamente para aguentar o mau cheiro e para se prevenir de doenças infectocontagiosas. Ao perceberem a presença da reportagem, os próprios moradores começam a reclamar do mau cheiro e a dizer que os cobertores têm muquiranas (piolhos). O indigente Érico Adriano Coral, 40 anos, entra em um dos quartos da ala masculina, pega um cobertor e entrega para a reportagem. “Veja, está cheio de muquiranas. Quer que eu procure para você?”, pergunta.

Não é de se estranhar que os cobertores tenham piolhos, afinal, os moradores de rua deveriam receber pijamas – logo depois do banho – para dormir. No dia da visita, contudo, muitos estavam deitados com a mesma roupa que chegaram da rua. Somente depois de a reportagem constatar isso, é que os outros moradores começaram a subir para os quartos com a sacolinha do pijama. “O que faz eles virem para cá é a sopa que recebem, este é o maior atrativo”, comenta Maria Elizabeth.

Não há um controle rígido sobre a circulação dos moradores de rua pelos quartos – inclusive entre as alas feminina, masculina e de idosos –, o que poderia favorecer os mal-intencionados que pretendem vender drogas dentro do abrigo.

Visão simplista

O diretor de proteção social da FAS, Adriano Guzzoni, rebate as desculpas dadas pelos moradores de rua para não irem ao albergue. “Não concordo com estas afirmações, porque refletem uma visão simplista do problema. Fazemos um trabalho para que efetivamente estas pessoas possam receber atendimento. A questão é que eles não querem cumprir as regras de higienização e alimentação”, explica.

Sobre o possível tráfico de drogas dentro do abrigo, Guzzoni afirma que o local é monitorado com a ajuda da Guarda Municipal. “Trabalhamos efetivamente para que isso não ocorra. Pode ser que uma vez ou outra isso possa acontecer. Há um grande número de pessoas em situação de rua que são dependentes químicos, não era de se estranhar que tivéssemos situações desta natureza”, diz.

Já em relação aos possíveis contágios de doenças, Guzzoni explica que nem sempre os moradores de rua contam aos educadores sobre a existência de uma tuberculose, por exemplo. “Quando alguém declara ser portador de uma virose, é encaminhado imediatamente para uma unidade de saúde. Agora, se a pessoa não nos coloca isso, ela pode ir dormir sem passar pela equipe de saúde. Nossa maior preocupação é com o acolhimento destas pessoas”, afirma. Guzzoni pede para que as pessoas lembrem que o problema do morador de rua é complexo e não é fácil de ser resolvido. “Envolve outras áreas de atenção que vão além da assistência social. A própria população acaba estimulando estas pessoas a permanecer na rua a partir do momento que lhes dão comida, agasalho e dinheiro”, conclui.

Serviço:

O Resgate Social pode ser acionado pelo telefone 156.

Vocação para a persistência

Publicado em 14/06/2009

Eles iniciam a abordagem sempre com a mesma frase: “Boa noite amigo, tudo bem por aí?” É assim que deve ser, sem maiores surpresas, porque um educador social nunca sabe o que vai encontrar embaixo do cobertor de um morador de rua. As luvas usadas para o manuseio são finas – as mesmas utilizadas pelos médicos – e servem como ferramenta para evitar contaminação. Mesmo assim, elas não protegem de um possível incidente com uma faca ou qualquer objeto cortante.

Na noite da última terça-feira, a dupla Elaine e Tito foi uma das escolhidas para trabalhar na missão de tirar as pessoas das ruas de Curitiba. Era uma noite chuvosa, o que de certa forma facilitou o trabalho. “Quando chove, conseguimos convencer com mais facilidade a pessoa a ir para o albergue. A mesma coisa ocorre quando a noite está mais fria”, conta Elaine Murnel Lopes, que trabalha há 13 anos na Fundação de Ação Social (FAS) e está há três anos no Resgate Social.

A Kombi que leva a dupla e o motorista é como coração de mãe: tem lugar para todo mundo. E é aí que mora o perigo: estes trabalhadores estão suscetíveis a pegar várias doenças, inclusive a tuberculose. “Tem

de gostar do que faz, senão a pessoa desiste logo”, afirma Tito de Souza Santos Júnior, que trabalha há 16 anos na FAS e há sete anos está no Resgate. Uma das regras que se aprende é estar atento a quem senta no banco de trás. “Já tivemos casos em que a pessoa tentou nos atacar. Por isso é bom sentar meio de lado e prestar atenção”, diz Elaine.

Eles não revelam o salário que recebem – o que poderia justificar tanto sacrifício –, mas afirmam que a remuneração já foi melhor. “Para ser educador social é preciso ter o segundo grau. Quando você começa a trabalhar recebe diversos cursos, incluindo primeiros socorros”, explica Elaine. Também não podem faltar cursos de autoestima, porque o trabalho se renova quase que diariamente. Afinal, o morador de rua que Elaine e Tito recolheram ontem, hoje pode estar novamente nas ruas em situação ainda pior. “Nosso trabalho não funciona na pressão. Não obrigamos ninguém a entrar na Kombi, pelo contrário, a missão é tentar criar vínculo com estes moradores para que eles confiem em nosso trabalho e, quem sabe um dia, consigam abandonar de vez a rua”, afirma Tito. (PM)



Tito e Elaine, educadores sociais da FAS: persistência para vencer a resistência dos moradores de rua

A rua do mundo

Publicado em 14/06/2009 A questão dos moradores de rua é um problema mundial. É mais acentuada nos países pobres e em desenvolvimento, mas não exclui Estados Unidos e Europa. Nos países europeus a questão está ligada ao fim do comunismo, fato que fez as pessoas buscarem locais mais desenvolvidos. Os imigrantes acabam sendo excluídos dos serviços públicos e levados a regiões mais afastadas das cidades. Nos Estados Unidos há muitos moradores nas grandes cidades, como em Nova Iorque. Já a Índia possui um alto número de indigentes, quase o mesmo número de pobres no Brasil.

Apesar das semelhanças, pesquisadores afirmam que o conceito de morador de rua varia de país para país. Assim como na França está mais ligado aos imigrantes, nos Estados Unidos está relacionado à ideia de “homeless” ou sem casa, o que faz o governo direcionar as políticas mais para o setor de habitação.

América Latina

São nossos vizinhos latino-americanos que compartilham o problema de uma forma semelhante. Maria Lúcia Lopes da Silva, doutoranda em Políticas Públicas pela Universidade de Brasília, afirma que o Brasil é um dos países mais avançados da região. “A maioria nem fez uma pesquisa nacional ainda. Por isso

estamos fazendo um trabalho grande em conceituar o que é a população de rua”, conta. México e Argentina estão estruturando a realização de um censo e o Chile possui um programa chamado “Chile Solidário”, com uma transferência de renda para pessoas nesta situação. A pesquisadora afirma, no entanto, que não há nenhum país com uma política eficiente e exemplar nesta área. (PC)

Frio já matou duas pessoas no Paraná somente neste ano

Publicado em 14/06/2009 | Pollianna Milan e Paola Carriel

Desde que começou o frio intenso, o Paraná já teve dois casos de morte por hipotermia (quando a temperatura do corpo fica abaixo de 35°C). Uma foi em Curitiba, no Passeio Público (no início do mês), e outra na cidade de Apucarana. As duas mortes são apenas a prova de que ainda hoje existem pessoas que morrem de frio – não há uma estatística no Brasil que dê conta dos números, até porque muitos moradores de rua são enterrados como indigentes (morte sem causa conhecida) e outros vão para o Instituto Médico-Legal (IML) e recebem como laudo da morte ataque cardíaco ou falência múltipla dos órgãos.

O morador de rua Abel Carneiro, 49 anos, que dormia no banco da Praça Osório na segunda-feira, era um forte candidato a morrer de frio. Apesar de não aceitar o atendimento do Resgate Social, quando a reportagem chegou perto, Abel reagiu: “Você não tem um cobertor para me dar?”, perguntou tremendo. O resgate pediu para Abel sair do banco da praça porque ali ele estaria desprotegido da chuva e do frio. O problema é que Abel andou alguns metros e acabou deitando em um lugar mais gelado que o antigo: trocou o banco de madeira pela lajota de um comércio. “Eles pediram para eu sair de lá e vou dormir aqui”, disse.

Abel contou que trabalha no cemitério e ganha bem, mas que tem muitas despesas. O álcool, certamente, consome o dinheiro e a própria vida dele. Assim como muitos moradores de rua, Abel tem família e não mantém contato por causa da vergonha. “Meus filhos me querem bem, mas sou burro”, afirmou. Ele tem três filhos criados que moram no bairro Pinheirinho.

O jovem Márcio Ribeiro dos Santos, 20 anos, dormia sozinho embaixo de uma marquise na Avenida República Argentina, na madrugada da última segunda-feira. Ele também não quis ir para o albergue porque “os moradores de rua brigam muito lá”. Ele não falava com clareza quando conversou com a reportagem, apenas comentou que vive na rua há oito anos porque não se acerta com a madrasta. Chegou à capital paranaense de ônibus, antes vivia em Quedas do Iguaçu.

Além do vício (álcool e as drogas), alguns moradores de rua estão nesta situação por causa do abandono familiar. João Freitas, 50 e poucos anos (segundo ele), foi encontrado embaixo da marquise das Livrarias Curitiba, na Boca Maldita – loja que Freitas diz ser sua. “Sou dono deste comércio aqui, antes fui policial, fiz parte do Dops (Departamento de Ordem Política e Social, que existiu durante a ditadura) e agora estou aposentado”, afirma. Nitidamente sofrendo de transtornos mentais, Freitas teria sido abandonado pela família, que, de acordo com ele, mora em alguma apartamento por aí. Ele mantém a boa aparência graças aos lojistas da Rua XV de Novembro, que pagam a ele para baixar as portas de ferro no final do dia. “Tomo banho lá na torneira da Osório”, conta.

Paulo César Lopes Vieira, 40 anos, vive há 20 anos na rua. Para se proteger da maldade dos outros, dispõe da companhia do cão Barba, que não deixa ninguém chegar perto. “O maior medo de quem vive na rua é ser morto por alguém que joga álcool e taca fogo”, disse.

Motivos

É consenso entre especialistas de que a escolha pela rua não ocorre de uma hora para outra – por isso pode ser evitada – e a pobreza é quase sempre o pano de fundo. Uma pesquisa nacional feita no ano passado apontou três motivos principais: uso de drogas ou álcool, desemprego e brigas familiares. A pesquisadora Maria Lúcia Lopes da Silva afirma que, mesmo em contextos de conflitos familiares, por exemplo, a desigualdade social é uma constante nas histórias e faz um alerta: “Se não mexermos nas estruturas da nossa sociedade, nunca conseguiremos acabar com o problema. Políticas públicas podem minimizar a situação, mas enquanto não houver equidade não haverá solução”.

O senso comum diz que os moradores de rua estão nesta condição porque este seria um espaço de liberdade. Mas a realidade não é bem assim. “A rua é muito traumática. O sujeito vai perdendo a identidade e a autoestima. É violentado diariamente”, afirma Anderson Costa, editor do jornal O Trecheiro e vice-presidente da revista Ocas, publicações voltadas para defender os direitos desse público. “Frequentemente os moradores de rua têm sua imagem associada ao crime. Eles têm de se adaptar a situações muito críticas e acabam pertencendo a lugar nenhum”, afirma o sociólogo Dario Sousa e Silva Filho.

Albergue não é a solução

Publicado em 14/06/2009 | Paola Carriel

Até o ano passado, boa parte da população de rua não existia para o governo federal. Ela entrou nas estatísticas somente em 2008 quando o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), em parceria com a Unesco, fez uma pesquisa nacional sobre o tema. Os números revelaram um cenário nada animador: 32 mil pessoas nesta situação. A capital paranaense ficou com o incômodo terceiro lugar no ranking, com 2,7 mil moradores. A Fundação de Ação Social (FAS) contesta os dados e mostra uma conta com 1,6 mil pessoas a menos.

Diante deste cenário, em maio deste ano, representantes de movimentos populares, moradores e ex-moradores de rua se reuniram em Brasília para debater o que será a primeira Política Nacional da População em Situação de Rua. A missão é parar de “enxugar gelo”. O consenso entre especialistas é que a criação de albergues é uma medida paliativa, mas foi convertida na única ação do poder público. Para eles, não se pode falar em ações efetivas considerando somente a assistência social. É preciso unir educação, cultura, saúde, habitação, previdência, acesso à Justiça e ao mercado de trabalho. “Essas pessoas precisam ser atendidas dentro de uma perspectiva global. Porque se a gente continuar apenas criando abrigos e albergues apenas alimentamos e reproduzimos este fenômeno”, diz a doutoranda em Políticas Públicas na Universidade de Brasília e autora do livro Trabalho e população em situação de rua no Brasil, Maria Lúcia Lopes da Silva.

Até o fim de julho a nova política será encaminhada à Casa Civil para aprovação. Entre as reivindicações de movimentos populares estão a criação de um Centro de Referência Nacional em Direitos Humanos, novas regras para os albergues, a criação de casas de cuidado e a redução da idade para acesso ao Benefício de Prestação Continuada (BPC). Mas o caminho para combater a pobreza e a permanência de pessoas na rua ainda é longo. Os dados da pesquisa mostram que quase 90% dos entrevistados não recebem nenhum benefício dos órgãos governamentais. O número de moradores de rua também vem aumentando. Na década de 90 em São Paulo havia cerca de 3,5 mil pessoas sem lar, hoje são 13 mil.

Caso de polícia

O ex-presidente Washington Luís, que governou o país de 1926 a 1930, resumiu com uma frase o que viria a ser a política voltada para a área social no Brasil: “Questão social é caso de polícia.” Para especialistas, a falta de atenção em relação aos moradores de rua é reflexo desse pensamento. “Há uma tradição filantrópica e personalista desde muito tempo no Brasil que aponta a questão da pobreza na rua como objeto da caridade pública e não de um planejamento de política específica”, afirma o sociólogo e professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro Dario Sousa e Silva Filho.

Para especialistas, a política nesta área deve ser heterogênea e ter programas para aqueles que querem sair das ruas e para aqueles que não querem. Além disso, o eixo principal deve ser a prevenção. O albergue acaba reunindo em um mesmo local várias problemas sem nenhum critério e sem possibilidade de solução. “Falar de uma solução global para a questão é criar uma expectativa que não vai ser realizada. Aí fica muito fácil a população concluir que se não se resolve o problema não é culpa da política e sim dos próprios moradores de rua”, argumenta Silva Filho.

Fotos Daniel Derevecki/Gazeta do Povo



Albergue superlotado: quartos chegam a ter 20 beliches

Link: <http://pron.com.br/editoria/policia/news/346286/>

05/01/2009 às 17:42:15 - Atualizado em 05/01/2009 às 17:44:16

Morador de rua é esfaqueado por causa de cobertor

Rodrigo Feres

Na noite de domingo (4), às 21h45, um morador de rua foi esfaqueado por outros dois andarilhos no abdômen nas imediações da Rua Paulo Naldony, no Bacacheri. Evandro Ramos da Luz, 29 anos, foi encaminhado ao Hospital Evangélico e seu quadro de saúde é estável.

A briga, segundo a Polícia Militar, foi por um cobertor, devido ao frio. A PM foi até o local e autuou João de Araújo Santos, 28 anos, e José Leandro da Silva, 22 anos. Os dois responderão por homicídio doloso.

Outra versão do crime

A vítima sofreu uma cirurgia nesta segunda-feira (5) para reparação dos danos causados pela facada e se encontra consciente.

Evandro Ramos da Luz contou no hospital uma versão diferente da Polícia. Ele disse que estava com a mulher e mexeram com ela. Após o ato, ainda tentaram assaltá-lo. Evandro teria perdido a cabeça e ao reagir foi esfaqueado.

Link: <http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=892969>



Quinta-feira, 04/06/2009

Tempo

Frio faz procura por albergue crescer 25% em Curitiba

03/06/2009 | 11:57 | *Célio Yano*

Desde o início da semana, com os sucessivos recordes de baixas temperaturas, a lotação do albergue mantido pela **Fundação de Ação Social (FAS)** de Curitiba saltou 25%. Segundo o diretor de Proteção Social Especial da FAS, **Adriano Guzzoni**, a média de acolhimento ao longo do ano é de 180 a 200 pessoas por dia. Nos últimos dois dias, entretanto, a ocupação chegou a lotar os 250 leitos disponibilizados no albergue.

Guzzoni explica que parte dos moradores de rua que passam a noite no albergue são acolhidos a partir de pedidos por telefone. “A maior parte, no entanto, é através de buscas ativas das 11 equipes do Resgate Social que temos disponíveis”, conta. “Quando há episódios de frio intenso, reforçamos a orientação para as equipes para acolher todos os moradores”, afirma.

A entrada de uma massa de ar polar na região Sul do país deixa baixas as temperaturas em Curitiba desde a segunda-feira (1º). Na manhã desta quarta-feira (3), os termômetros chegaram a marcar 0,2°C, o menor índice desde junho do ano passado, quando fez -0,3°C.

Segundo Guzzoni, o acolhimento dos moradores de rua tem dado resultado, uma vez que não foi recebido, por parte da FAS, nenhuma ocorrência de internamento ou morte ocasionada por hipotermia na cidade. A procura pelos serviços oferecidos na Central de Resgate pode ser feita pelo número **156**, da prefeitura de Curitiba, ou a partir das 18h, na sede do órgão, na **Rua Conselheiro Laurindo**, 792, no Centro.

Link: <http://www.parana-online.com.br/editoria/policia/news/296640/>

ParanáOnline

Morador de rua morto em São José dos Pinhais

16/05/2008

Valéria Biembengut

Foto: Alberto Melnechuky



Movimento
POPULAÇÃO
de
BIA

Com quatro tiros na cabeça e nas costas, um homem identificado apenas como Paulo, de aproximadamente 30 anos, foi executado às 18h30 de quarta-feira, na Rua Joana Persegona, bairro Qui Sonho, em São José dos Pinhais. Testemunhas informaram que os autores eram três homens encapuzados.

Maria Aparecida da Silva, 60 anos, contou que o desconhecido morava na rua e, há dois dias, estava dormindo em sua residência. “Ele me ajudava em algumas coisas. Até trouxe uma sacola de verduras que ganhou”, contou a mulher. Segundo ela, três homens encapuzados entraram pelos fundos do terreno, onde tem um matagal. “Eu só ouvi os tiros. Depois o Paulo entrou correndo para dentro de casa e caiu no banheiro”, disse Maria. Segundo ela, Paulo vivia perambulando pela rua. “Não sabemos nada sobre ele.”

O caso será investigado pela delegacia de São José dos Pinhais, que deverá aguardar a identificação da vítima para intensificar as investigações.

Link: <http://www.iparaiba.com.br/noticias,138582,5,morador+de+rua+e+achado+morto+em+matagal+na+estacao+velha.html>



17 DE JULHO DE 2009

Morador de rua é achado morto em matagal na Estação Velha

Publicado em 20/10/2008, às 10h55

Populares encontraram nas primeiras horas da manhã desta segunda-feira, dia 20, o corpo do morador de rua conhecido como Régis ou Treme-treme. O corpo está em estado de rigidez cadavérica e não apresentava ferimentos.

É possível que Régis tenha tido morte natural ou vítima de agressão de pessoas não identificadas. Durante o dia será feita a necropsia no sentido de saber a real causa da morte do morador de rua.

Figura bastante conhecida em Campina Grande, Régis era um homem que sofria de problemas mentais e geralmente era visto nas ruas principais do centro comercial, nos semáforos, pedindo dinheiro ou apenas rindo ou brincando com os motoristas.

Redação iParaíba

RUA

Link: <http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=746692&tit=>



Centro de Curitiba

Andarilho é agredido, enforcado e queimado em casa abandonada

13/03/2008 | 19:35 | *Karlos Kohlbach - Gazeta do Povo Online*

Um andarilho ainda não identificado foi encontrado morto na manhã desta quinta-feira (13) numa casa abandonada na **Rua Ébano Pereira**, no Centro de Curitiba. O rapaz, de aproximadamente 18 anos, foi agredido, enforcado e teve parte do corpo queimado. É o segundo caso de morte de morador de rua em Curitiba em 15 dias.

O caso está sendo investigado pela **Delegacia de Homicídios**. Ainda não se sabe a causa da morte, mas o **investigador Antônio Carlos Pimentel**, que cuida do caso, acredita em disputa de drogas. "A casa é usada por andarilhos para pernoitar. No local havia latas de refrigerantes que são usadas para o uso de crack. Provavelmente uma desavença pode ter resultado na morte dele", comentou.

Pelos indícios, Pimentel acredita que o rapaz primeiro foi agredido, depois enforcado com o cadarço de tênis e em seguida, já morto, teve parte do corpo queimado. "Havia hematomas no peito e no rosto. Depois de enforcá-lo no trinco de uma porta, na parte superior da casa, o assassino tentou queimar o corpo", afirmou. O andarilho teve a coxa esquerda, o antebraço esquerdo e o abdome queimados. "Dava para ver as articulações do braço dele, tamanha a queimadura", lembrou. A fogueira foi feita com as próprias roupas da vítima, cabos de vassoura, pedaços de madeira e panos.

A dificuldade da polícia está na falta de informações sobre a vítima e sobre o crime. Pimentel acredita que deve levar uns dias até os moradores de rua voltarem a dormir na casa abandonada. "Esperamos que familiares e amigos dele nos procurem para ajudar na investigação", disse. O rapaz era moreno claro, tinha cabelo preto e curto, e não tinha marcas de tatuagem e cirurgia.

Mais casos

No final de fevereiro um morador de rua conhecido como **João da Muleta foi espancado até a morte com as próprias muletas** numa praça no bairro Cristo Rei, em Curitiba. A vítima apresentava lesões na face e teve o punho quebrado. O assassinato aconteceu na **Praça Izaac Lazarotto**, próximo a uma linha férrea, local onde a vítima "morava".

No dia 13 de dezembro mais um caso - desta vez na **Avenida Francisco Hoffmann dos Santos, no Jardim das Américas**, em Curitiba. O morador de rua **Alexsandro Duarte Matos**, de 31 anos, foi agredido por um grupo de pessoas que **jogou ácido em suas mãos e em seu rosto**. Apesar das queimaduras de terceiro grau, Matos sobreviveu.